



Estado da Paraíba
 Câmara Municipal de Campina Grande
 Casa de Félix Araújo

PROJETO DE LEI Nº 016/2015

031

Em 20 de 01 de 2015

AUTOR: MIGUEL RODRIGUES.

Ementa

Distribuição

DENOMINA DE EMPRESÁRIO JOÃO SILVEIRA
 GUIMARÃES UMA DAS NOVAS RUAS DE CAMPINA
 GRANE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

a Comissão de REDAÇÃO E JUSTICA.
 para parecer

S.S. Câmara Municipal 11 de 02 de 2015

Presidente

Secretário

1ª Votação

Aprovado em Sessão de 11 de 03 de 2015

Presidente

Secretário

2ª Votação

Aprovado em Sessão de 11 de 03 de 2015

Presidente

Secretário

Redação Final

Aprovado em Sessão de _____ de _____ de _____

Presidente



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
Casa de Félix Araújo
Comissão de Redação e Justiça
PARECER AO PROJETO DE LEI N.º 016/2015
AUTORIA: Vereador Miguel Rodrigues

I – RELATÓRIO

A proposta legislativa de n.º 016/15 de autoria do Sr. Vereador **Miguel Rodrigues**, que *denomina de “Empresário João Silveira Guimarães” uma das novas ruas de Campina Grande e dá outras providências*, vem a Comissão de Justiça e Redação para oferta do parecer técnico-jurídico.

É o relatório.

II – PARECER DO RELATOR

Requer o autor da propositura seja denominada de rua “*Empresário João Silveira Guimarães*”, justa homenagem a uma pessoa que prestou relevantes serviços a nossa comunidade.

Quanto ao aspecto técnico-jurídico a matéria não encontra óbice que inviabilize sua tramitação perante o Plenário desta Casa Legislativa.

É o parecer do Relator.

III – VOTO DA COMISSÃO

A Comissão de Justiça não encontrando óbice legal-constitucional que macule de vício a propositura, opina por sua regular tramitação.

É o parecer da Comissão.

S.S. das Comissões Permanentes “*Deputado Petrônio Figueiredo*”, em 26 de fevereiro de 2015.

NELSON GOMES FILHO
Presidente/Relator


MURILLO GALDINO
Secretário

IVONETE LUDGÉRIO
Membro



Câmara Municipal de Campina Grande
RECEBIDO
Em 20/01/15 10:30 hs
ASSINATURA

**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
"CASA DE FÉLIX ARAÚJO"
GABINETE DO VEREADOR MIGUEL RODRIGUES**

PROJETO DE LEI ORDINÁRIA Nº 016 DE 20 DE JANEIRO DE 2015.

**EMENTA: DENOMINA DE EMPRESÁRIO
JOÃO SILVEIRA GUIMARÃES UMA DAS
NOVAS RUAS DE CAMPINA GRANDE E
DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

Art. 1º - Fica denominado de Rua Empresário João Silveira Guimarães uma das novas ruas do Município de Campina Grande-PB.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

MIGUEL RODRIGUES
Vereador (PPS)



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
"CASA DE FÉLIX ARAÚJO"
GABINETE DO VEREADOR MIGUEL RODRIGUES**

JUSTIFICATIVA.

**Senhor Presidente,
Senhora Vereadora,
Senhores Vereadores.**

O empresário João Silveira Guimarães, mais conhecido como Dão Silveira ou Seudão, teve uma história de vida cheia de realizações empresariais e muito mais no seu relacionamento interpessoal. Pensei que eu conhecia sua história, mas em conversas que mantive com o amigo Hiram Ribeiro dos Santos, genro de Seudão e casado com Zouraide Silveira, fiquei surpreendido com o que ouvi... Dão Silveira era simplesmente extraordinário, um ser único!

Hiram Ribeiro dos Santos, misto de Administrador de Empresas, Auditor Fiscal e de tantas outras ocupações, mas que na minha modesta avaliação, a sua verdadeira vocação é como poeta e escritor, traduziu de forma cristalina e emotiva toda epopeia vivida por Dão Silveira, narrativa que só um poeta e escritor com sensibilidade e amor correndo em suas veias poderia fazer. Pedi permissão a Hiram para usar as suas palavras nesta justificativa e começo com estes versos contidos em seu livro Ode a Seudão:

Seudão

Aos Silveira Guimarães

Fui ver e vi o brejo da serra,
Que deu luz e berço a Seudão,
O homem forte, o jequitibá da terra,
Vulto perene do litoral ao sertão...

Está insepulto, a alma não se enterra,
Continua vivo e muito presente, um clarão!
A sua bela história não se encerra,
A saudade é a memória do coração.

Um visionário e grande futurista,
Perscrutava o porvir com precisão,
Enxergava longe com a segunda vista.

Amou a família e sua gente, um humanista,
Empreendedor e administrador por vocação,
Eis a vida e a obra de um progressista.

(Hiram Ribeiro dos Santos)

João Silveira Guimarães, Dão Silveira, Seudão. Veio ao mundo no dia 24 de junho de 1910 no pé de uma serra entre os municípios de Brejo do Cruz e São Bento, mais precisamente no Sítio Monte Alegre, pertencente à família, na microrregião de Catolé do



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“CASA DE FÉLIX ARAÚJO”
GABINETE DO VEREADOR MIGUEL RODRIGUES

Rocha, mesorregião do sertão paraibano. Filho de Tomás de Souza Guimarães e Isabel Silveira Guimarães, ele de descendência lusitana.

Vivia com os pais e os irmãos na Fazenda Ipueiras quando irrompeu a grande seca que assolou toda a região. A necessidade momentânea obrigou-o a migrar para a cidade de Monteiro (PB), foi morar na casa dos tios Aureliano e Mariazinha. Isso foi nos idos de 1919, ainda na pré-adolescência.

Iniciou no cadinho da escolaridade sob os auspícios dos seus tios, longe do humilde, mas sublime aconchego familiar. Ainda em plena tenra idade sentia a enorme responsabilidade de estar dividido entre a necessidade da subsistência e o coração permanentemente preso ao querido e amado torrão. Passados alguns anos, um belo dia ao receber a visita da irmã Isaura e do pai Tomás, sentiu instantaneamente a vontade de voltar para casa. Almejou tanto por esse momento. O sofrido coração pedia e implorava aos céus que atendessem às suas súplicas. Conseguiu convencer o seu pai a não apenas permiti-lo retornar ao sertão de Ipueiras, mas também a diversificar a linha agriculturável. Decidiram plantar cana-de-açúcar e fabricar rapadura. Tudo aos poucos foi se modificando. Começa a surgir a força do progresso.

Já chegando ao incurso da maioridade, inicia outra atividade sob os auspícios do tio Abílio Silveira. Concomitantemente às atividades agriculturáveis, em lombo de burros passa a comercializar peles de animais, recebendo comissões sobre as vendas. Cresceu na atividade e se tornou tropeiro, dono de uma tropa de burros, estrada à fora, vencendo as vicissitudes e todo tipo de obstáculos. Surge uma capacidade peculiar e que se tornou sua marca registrada: em tudo que o menino Dão investia e acreditava, prosperava; tudo dava certo como apregoava. Foi com ingentes esforços e uma labuta incansável que poupando quase tudo quem ganhava, comprou o seu primeiro caminhão.

Com o advento da compra do possante veículo, usava o automotivo para comercializar seu próprio negócio. Transportava e vendia algodão do sertão para Campina Grande e na volta levava fios de algodão para a fabricação das famosas redes. De forma simultânea administrava a alternativa comercial, como tropeiro. Comercializava cereais e farinha de mandioca em estradas vicinais, por onde o caminhão não podia trafegar. O futuro era o que o menino Dão mais enxergava. É imperioso registrar que chegou a usar uma frota de seis caminhões, vendendo o que transportava.

Pelas estradas empoeiradas dirigindo o seu caminhão Chevrolet, um legítimo “cara de sapo” importado pela General Motors (lembrem-se do nome dessa marca), Seudão assim já bastante conhecido e identificado, conheceu uma jovem e linda mulher, bela morena cor de sapoti, nascida em Cubati, interior da Paraíba. Ela irá se constituir no esteio de um futuro lar que será bonito, alegre e acolhedor. Galdina Barbosa será a senhora Silveira, encanto de amor, ternura, humanidade, desprendimento e abnegação com ações meritórias para os que mais precisam. Ao formalizarem a união, fixaram residência em São Bento. Ele na estrada, ela no lar; ele continuou com algumas reses na fazenda, tropa de burros vencendo os estreitos caminhos e o ronco do caminhão alargando o progresso; ela costurando e bordando para ajudar no sustento da família; auxiliando o marido a poupar e investir. Foi assim que pensando num futuro promissor decidiram fixar residência em Campina Grande, no ano de 1946.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“CASA DE FÉLIX ARAÚJO”
GABINETE DO VEREADOR MIGUEL RODRIGUES

Com o coração apertado, ligado umbilicalmente à sua terra e ao seu povo, Seudão se instala em Campina Grande com o intento precípua, negociar veículos. Comprar e vender caminhões e isso o fazia com o olhar dirigido para dois destinos: fazer negócios lucrativos e ajudar aos caminhoneiros que careciam de crédito fácil, principalmente àqueles seus conhecidos e habituados à árdua tarefa de vencer nas estradas. Seudão adquiria os caminhões e os repassava para os compradores, recebendo Notas Promissórias com prazo de perder de vista. Era muito paciente e extremamente humano com os inadimplentes. Dona Galdina, por sua vez, além de cuidar do lar e da educação dos filhos menores, por sua própria iniciativa continua a bordar e costurar, atividade que lhe valia prazer e muita realização. Ela tinha vocação e muita habilidade para trabalhos manuais. Seudão, em considerado curto tempo alcançou a marca de trinta caminhões vendidos por mês, despertando a curiosidade dos executivos da General Motors do Brasil. Ele adquiria os automotores em concessionárias de São Paulo e os trazia rodando até Campina Grande. O despertar dos próceres da GM tinha pertinência. Quem comprava tantos caminhões e para que fins? Pesquisando junto às empresas autorizadas a identidade do cliente com tanta potencialidade, decidiram vir conhecê-lo.

Os emissários da montadora americana decididos e curiosos vieram visitá-lo com larga curiosidade. Foram recebidos por Seudão com muita lhanza no trato, traço peculiar de sua personalidade e se impressionaram com a simplicidade, humildade e objetividade do homem que enxergava longe o intrincado mundo dos negócios. Não perderam tempo e ofereceram a Seudão uma Concessionária Chevrolet em Campina Grande, apesar de já existirem duas tradicionais no mercado local. Em fevereiro de 1966, Seudão abria as portas da sua primeira concessionária de veículos: Dão Silveira Comércio S/A – SEUDÃO, localizada na Rua João da Silva Pimentel, 71, no centro comercial do ramo de veículos e autopeças na cidade Rainha da Borborema.

Simultaneamente às atividades comerciais, Seudão dava prosseguimento a uma verdadeira paixão, um exacerbado amor à terra herdada do seu amicíssimo pai por quem nutria elevado apego, respeito e admiração. Além de diversificar na agricultura, sua prioridade era a pecuária representada por caprinos e principalmente bovinos. Com propriedades espalhadas no Sertão, no Brejo e Cariri, o misto de empresário e pecuarista tinha uma labuta incansável. Desde as cinco horas da manhã, antes de surgir os primeiros sinais do nascer da aurora até às dezoito horas, seja no campo ou na cidade, a barauína de Brejo do Cruz administrava seus negócios com sabedoria e redobrado zelo, poupando e reinvestindo, crescendo e multiplicando. Obtinha sempre o apoio provindo do mundo celestial, pois não conhecia a palavra prejuízo, apesar dos desencontros causados por certos inadimplentes. É importante salientar que Seudão generosamente escalonava os débitos dos adquirentes de veículos, chegando inclusive a levar os automotores para as oficinas, consertá-los e entregá-los de volta aos seus compradores, possibilitando-os a voltarem ao trabalho e, conseqüentemente encontrarem meios para quitação dos débitos.

Era festeiro, mormente nas festas juninas. Dia 24 de junho, data do seu nascimento. As comemorações duravam uma semana. Matava carneiro, bode, boi e galinha. Fazia os convidados se deliciarem em cima de uma mesa farta, atarracada de comida. Pirão, arroz de festa, galinha de capoeira, feijão de arranca com toucinho, buchada, carne de sol, tudo sob o gosto e o tempero da paraibana de Cubati, dona de seu coração. E mais uma ruma de comida boa, daquela que, quando a gente termina de engolir, o suor já está pingando pelos quatro cantos. E depois ainda servia os



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“CASA DE FÉLIX ARAÚJO”
GABINETE DO VEREADOR MIGUEL RODRIGUES

convidados com bons pedaços de rapadura ou doce de mamão, que era para adoçar a língua. E no outro dia de manhãzinha, se esbaldavam na coalhada, no cuscuz, na tapioca, no queijo de coalho, no bolo de mandioca, na tigela de umbuzada, na orelha de pau com café torrado em casa.

Ao som da voz de Luiz Gonzaga, ecoando no teatro das memórias dos que aqui ficaram, tratando todos por “bichinho ou bichinha”, com muito carinho e afeição, dançava ao som das músicas que mais gostava. Tudo o faz lembrar: as paisagens, os bichos, os personagens, a fé. Ele gostava de uma boa farra, ao som do xote ou do baião. “Para quê mais instrumento nesse grupo além da sanfona, do triângulo e da zabumba”? No máximo, um pandeiro ou uma rebeca! Dizia sorrindo e acrescia: “Dançar ao som desse trio é bom demais”. E ficava nesse rela-bucho até o dia amanhecer, sem ver passar o tempo e tampouco sentir as pernas se tremelicando, o espinhaço se quebrando e os pés se queimando em brasa. Admirava e se emocionava com a arte do improvisado do poeta popular, com a beleza da banda de pífanos, com o colorido do pastoril, com a pegada forte do coco-de-roda, com a alegria da quadrilha junina. Para ele, não existia música mais bonita para os seus ouvidos do que a tocada por São Pedro. Quando ele se invoca e mete a mão nas zabumbas lá no céu, fazendo uma trovoadinha bonita que se alastra pelo Sertão, clareando o mundo e inundando de esperança o coração matuto. A chuva é bendita, dizia.

Além das festas juninas, nutria fervor pelas festas folclóricas e sacras. Reunia toda a família durante a Semana Santa em suas fazendas ou no castelo construído às margens da BR-230, na saída de Campina Grande para João Pessoa, onde residia. Durante essas comemorações promovia campeonato de baralho (buraco) e o sacrifício do Judas, que obedecia ao rito habitual. Nas festas de fim-de-ano era tradicional a ceia natalina e a troca de presentes no famoso amigo secreto.

Era apaixonado por sua terra, pela sua cultura, pelos seus costumes, por sua arte de produzir e negociar, pela sua gente. Não trocou seu torrão por cidade grande. Aportou em Campina Grande para dar melhor estudos aos seus filhos, mas o coração ficou fincado em São Bento e para lá voltou por duas vezes em missão especial e muito prazerosa. Era um sertanejo da gema e tinha orgulho disso. Não se envergonhava da sua história, não disfarçava o seu sotaque, nem aqui, nem em São Paulo ou nos Estados Unidos junto aos gringos. Não escondia as suas origens. Ele era a dor e a alegria da terra sertaneja. Tinha enorme satisfação em agradar os estrangeiros, em suas incontáveis viagens ao exterior, presenteando-os com chapéus de couro fabricados artesanalmente. Era o orgulhoso sertanejo ultrapassando fronteiras.

Eis algumas frases notabilizadas por Seudão:

“Quando a gente tem a vontade, bichinho, já tem a metade”.

“A vida é uma ilusão, bichinho, a gente não é dono de nada, só pastora”.

“Todo mundo tem que ter um esporte: beber, fumar, jogar, viajar...”.

“Não é muito difícil ganhar dinheiro, o mais difícil é sustentar o que se ganha”.

“Não posso deixar de trabalhar; porque sou como bicicleta; se parar eu caio”.

“O meu único desgosto é não ter estudado, sido doutor...”.

“Um homem sem mulher não vale nada”.

Como surgiu a expressão que se tornou uma máxima, dita e repetida em muitas palestras de espírito motivador e até por executivos que proferem conferências por todos os recantos do Brasil: “Quem tem a vontade, bichinho, já tem a metade”. Foi em



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“CASA DE FÉLIX ARAÚJO”
GABINETE DO VEREADOR MIGUEL RODRIGUES

uma manhã, na calçada da concessionária em Campina Grande, estavam Seudão e a filha Zouraide, quando passou um exemplar de um pequeno veículo recém-lançado. A filha disse ao pai: -“tenho tanta vontade de possuir um carro desse!” E Seudão perguntou: - “ e que carro é esse?”. - É um Kharmann-Ghia papai. O senhor vai me dar um desse? - Não bichinha, porque você já tem a metade só em querer possuí-lo, e a outra metade você vai trabalhar, ganhar dinheiro e comprá-lo, porque quem tem a vontade, já tem a metade...

Seudão só conseguiu conjugar o verbo “trabalhar”, e acreditava no binômio trabalho e vontade de vencer, sem ambição deliberada. Podemos compará-lo ao não menos pioneiro e leigo na universidade, mas douto na inteligência e no saber, Davidson Rockefeller, precursor norte-americano que foi magnata do petróleo, construiu estradas de ferro e implantou a primeira universidade, quando afirmou: “Tirem-me os negócios, tirem-me o dinheiro, tirem-me os meios de comunicação, tirem-me tudo, deixem-me apenas com a capacidade de trabalho e a vontade de produzir que eu prometo refazer tudo dentre em breve”. Seudão com a sua simplicidade dizia: “Deixem-me apenas com o meu chapéu à cabeça, a roupa do corpo, a vontade e meus vinte anos, que eu começo tudo de novo”. Os seus princípios administrativos, na prática podem ser comparados aos precursores da administração científica Frederick Taylor e Henry Fayol. Dito isto, faz-se mister dizer que a inteligência não é sinônimo de cultura. O importante está no saber, na arte de produzir e criar.

Seudão não se afastava da vida social e comercial de São Bento, ainda Distrito do Município de Brejo do Cruz. Além de manter uma residência fixa em sua terra natal, tinha armazéns para entreposto de mercadorias que eram transportadas e comercializadas em seus caminhões. Acompanhava o desenrolar dos acontecimentos políticos, quando surgiu o advento da emancipação política do querido torrão e o homem forte e destemido foi chamado para servir ao seu povo. Após resistir aos inúmeros convites, terminou aceitando disputar a primeira eleição para prefeito da recém-emancipada cidade no ano de 1959. Com 63,7% dos votos válidos contra 36,2% de seu oponente, Dr. Odilon Maia Filho, Seudão é eleito primeiro Prefeito Constitucional do Município de São Bento, para o período de governo 1960/1963. Os cidadãos puderam sentir a retidão e a decência do administrador sério e comprometido, aplicando as verbas com rara seriedade e probidade.

Após quatro anos do término do seu exemplar desempenho à frente do governo municipal de sua terra natal, eis que é novamente chamado sob o manto sagrado da gratidão do seu povo, agora pela segunda vez disputar acirrada eleição. Com os insistentes pedidos do seu amigo-irmão Dr. João Agripino Filho, então governador do Estado, aceitou enfrentar o grande desafio. Conseguiu vencer o pleito com 50,3% dos votos válidos contra 46,6% do primeiro oponente Pedro Eulâmpio da Silva e 3,03% do segundo oponente Antônio Cândido dos Santos, em virtude do critério das sublegendas em voga na época. Para o quadriênio 1969/1972 estava determinado a dar sequência ao grande trabalho iniciado na sua primeira gestão, quando teve a incumbência de dar formas à cidade e dotá-la de infraestrutura urbanística e organizacional. A plataforma de governo para o segundo mandato estava fundamentada em obras estruturantes, entre as quais a célebre ponte sobre o famoso Rio Piranhas, primordial para as constantes enchentes, obra portentosa e gigantesca para os padrões da época e que após mais de quatro décadas está em imponente estado. Construiu a igreja da cidade, belas praças, ruas e largas avenidas. Erigiu a Cadeia Pública, o Colégio Municipal, para educar as crianças, hospital e maternidade, salvando vidas. Ainda brilhou sua cintilante



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“CASA DE FÉLIX ARAÚJO”
GABINETE DO VEREADOR MIGUEL RODRIGUES

estrela de rara beleza, trouxe luz elétrica de Paulo Afonso, sob as bênçãos de Deus e da natureza.

Dão Silveira Comércio S/A desde a sua abertura, no início de 1966 até o final de 1968 obteve excelente desempenho, chegando a ultrapassar as vendas das outras duas concessionárias concorrentes e após uma rigorosa análise econômico-financeira do mercado, Seudão decidiu investir noutra marca de veículos. A escolhida foi a Volkswagen, adquirindo o controle acionário da CAVESA – Campina Grande Veículos S/A, comercializando os conhecidíssimos veículos leves “fusca” e “Kombi”. A expansão no ramo automotivo está apenas começando.

Os negócios continuam crescendo com a forte tendência de expansão. O nome fortalecido e a credibilidade em desenvolvimento e, quando a demanda é maior que a oferta, desperta o interesse do crente e iluminado empresário e seus olhos estão dirigidos para o sertão paraibano. Deseja levar como maior desejo um serviço de qualidade para o irmão sertanejo. Com a força, a coragem e a determinação como marca registrada abre em Patos, a cidade da Morada do Sol, mais uma concessionária Chevrolet: Seudão Automotores Ltda. Interiorizando, vai priorizando sua maneira simples, humilde e vocacionada, atender ao consumidor igualmente simples e humilde de forma desburocratizada. Vai incontinenti e intemorato alcançando o seu destino.

Além de ser vizinho e parceiro mercantil, o Estado do Rio Grande do Norte é um velho conhecido desde o período da II Guerra Mundial, quando Seudão exercia o trabalho de entreposto comercial, transportando e negociando mercadorias. Chegou a abrir um barracão para vender cereais e estivas aos integrantes das Forças Armadas, baseadas na capital potiguar. Em suas viagens a Natal, com sua visão futurista, sempre desejando expandir seus negócios e naturalmente com o fundamental e indispensável apoio, aliado ao interesse comercial da General Motors, surge a ideia de abrir uma nova filial. Não demorou muito e a ideia tornou-se realidade, em pouquíssimo espaço de tempo, agora tornando-se um forte grupo empresarial, inaugura no ano de 1972 uma moderna concessionária de forma consolidada, levando um extraordinário presente à capital espacial, a Natal Veículos e Peças Ltda. Irá imprimir a sua marca registrada com lisura, capacidade de bem servir e a tenacidade do homem forte ao povo do Rio Grande do Norte.

Do Sertão ao Litoral, cruzando as regiões do Cariri, Brejo e Curimataú, o jequitibá da serra continua resolutos e destemidos investidores, juntos com os filhos que na têmpera de aço forjou, está novamente decidido a continuar investindo no Rio Grande do Norte. Considerando o excelente desempenho da Natal veículos, sempre acumulando prêmios e conquistas, parte determinado a abrir mais uma concessionária de grande porte, a segunda na mesma cidade, a quarta com a bandeira Chevrolet. Em 1987, com muito estilo, considerada pela crítica especializada a mais moderna do ramo no Brasil, inaugura com muita expectativa do público e consumidor, com um nome bem especial: Espacial Auto Peças Ltda.

É importantíssimo destacar a bela e grande figura de uma mulher trabalhadora, de alma elevada e pura, esteio forte que tanto contribuiu para a constituição e consolidação da marca Seudão. Ela é da nossa terra, é da nossa gente, uma mulher destemida e valente, sempre presente em todos os acontecimentos. Uma criatura fidalga, prestimosa, solícita, benemérita e beneficente, dos mais elevados sentimentos. É Galdina Barbosa Silveira, amando e se doando ao marido e filhos, à família e por extensão aos funcionários das empresas, aos moradores e familiares de todas as



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“CASA DE FÉLIX ARAÚJO”
GABINETE DO VEREADOR MIGUEL RODRIGUES

propriedades espalhadas pela Paraíba e Rio Grande do Norte. Uma timoneira que servia de arrimo, anteparo, estímulo, além de exercer a influência indispensável para todas as ações desenvolvidas por Seudão, dentro e fora dos negócios. Ela participou com muita presença e influência em sua vida pública, notadamente nas campanhas políticas.

Em uma viagem a São Paulo, acompanhada da filha primogênita Zouraide, companhia inseparável de todas as horas, com a finalidade de realizar exames de rotina, eis que surge o inesperado. Ficou diagnosticada a necessidade de procedimento cardiovascular. Durante a intervenção, de súbito, a alma da pérola mais cristalina incrustada no mais belo diadema, se despede a chamado do Pai. Uma perda irreparável. A vida de Seudão não tem mais cor, nem brilho. Foi-se o esteio que suas mãos tanto seguraram e as beijou. Ele sempre contava com sua extremada esposa, porque para ela nada constituía empecilho. Perdeu a estrela que lhe deu imensa luz, mas a forte baráúna precisava continuar, não podia fraquejar e decidiu seguir o caminho das lutas e históricas vitórias, todas divididas com a morena de beleza imorredoura. Contou nessa hora com todo o apoio dos filhos Francisco das Chagas, Socorro, Zouraide, Gláucia, João Silveira Filho, Maria do Perpétuo Socorro, Tomás, Saionara e Sérgio.

Praticamente abatido e amargurado, Seudão tentou superar o enorme abalo, a irreparável perda. Enfraquecido e sofrido, Dão Silveira vê quase tudo desmoronar. Com apenas seis meses da partida da sua verdadeira vésper brilhante, do seu adorado e inesquecível amor, o jequitibá da serra adocece e seu estado é grave. Serão dois doloridos anos de uma batalha incessante contra uma tenebrosa doença. Todos os recursos possíveis estiveram à disposição para combater a tenaz e cruel enfermidade. Mas as almas que são comprometidas, pela afeição, pela paixão vivida; sentidas, sem auroras, sem encantos, esperam por amor, ansiosas pelo reencontro. E não demorou muito, a triste notícia correu, a árvore frondosa sofreu. Seudão faleceu (26/03/1990). Todo o Sertão chorou, o Rio Grande do Norte soluçou, a Paraíba gemeu.

Um homem que tanto realizou, seja na política, na área empresarial e principalmente o legado de amor, hombridade, amizade, caridade, compaixão, compreensão e alegria que deixou para a sua família, amigos e conhecidos não pode ser esquecido por nós e pelas gerações futuras da nossa cidade. O seu nome imortalizado em uma das nossas escolas, suscitará nos mais jovens, a curiosidade em saber quem foi e o que fez o empresário João Silveira Guimarães para que seu nome denomine essa escola, e para àqueles que conhecem a sua trajetória de vida, a certeza que foi prestada uma homenagem justa e merecedora pela sociedade campinense a um dos seus próceres.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Campina Grande, “Casa de Felix Araújo”, 20 de Janeiro de 2015.

MIGUEL RODRIGUES
Vereador (PPS)